

Em 2019, o SESARAM investiu cerca de 12 milhões de euros em medicamentos inovadores, quase um terço dos custos totais com fármacos

“Quanto vale uma vida?” A questão é colocada ao DIÁRIO por Martinha Garcia, membro da Comissão de Farmácia e Terapêutica (CFT) do Serviço de Saúde da Região (SESARAM) e assessora do Conselho de Administração para a área do medicamento, quando a pergunta recai sobre os valores despendidos com os fármacos. A responsável defende que quando o tema é esse, devemos falar em investimento e não custos. “Medicamentos são investimento na saúde”, salienta.

Na verdade, o investimento do SESARAM na área dos medicamentos tem aumentado gradualmente nos últimos anos e no ano passado atingiu cerca de 37 milhões de euros.

Se tivermos em conta que, em 2018, o investimento total na área foi 34,68 milhões de euros, significa que houve um aumento de 6,7% no ano passado. Mas se formos mais atrás ainda, até 2015, quando o SESARAM investiu 27,66 milhões de euros em medicamentos, vemos que o aumento em 5 anos, foi de quase 10 milhões de euros (33%).

Muito desta evolução está relacionada com a cada vez maior aposta nos chamados medicamentos inovadores.

Martinha Garcia explica ao DIÁRIO que tem havido “um aumento substancial de medicamentos inovadores”, sendo que em 2019, as áreas que mais contribuíram para a

inovação no SESARAM foram a Oncologia, o VIH, a Hepatite C e a Artrite Reumatóide. Mas há outras áreas que vão ganhando terreno na lista dos 40 medicamentos mais usados no Serviço de Saúde. “Enquanto que em 2016, os 40 medicamentos mais usados correspondiam a 50% do Orçamento para esta área, neste momento temos 40 medicamentos que correspondem a 41% do Orçamento”, diz a responsável, acrescentando que nem todos os fármacos nesta lista são inovadores, embora existam alguns.

Aliás, Martinha Garcia salienta que a Oncologia tem um peso muito grande no investimento total do SESARAM em medicamentos. Em 2015, refere, foram cerca 5,5 milhões de euros (739 mil euros em inovação) e em 2019 foram 12 milhões de euros (5,1 milhões de euros só em inovação na área). “Esta taxa de crescimento é bastante grande e o peso da Oncologia relativamente ao total é de 32%”, acrescenta.

O VIH é a segunda área terapêutica com mais medicamentos nos ‘40 mais’, com 6 fármacos inovadores e um investimento de 2,243 milhões de euros.

Mas mais do que falar em valores, Martinha Garcia prefere falar em ‘outcomes’, nos chamados resultados. Em Novembro de 2016, o SESARAM começou um projecto de análise de resultados em alguns medicamentos, nomeadamente na área oncológica. Alguns dos primeiros dados obtidos foram apresentado no final do ano passado numa conferência que decorreu na Universidade da Madeira. “Apresentamos alguns dados para o cancro da mama, da próstata, do pulmão, melanoma e carcinoma baso-celular, e o que muito nos satisfaz é que os nossos resultados estão em linha com os estudos clínicos e, em alguns casos, até melhores”, diz. A responsável exem-

plifica com um caso de uma doente do foro oncológico, cujo tratamento aprovado apresentava uma sobrevivência livre de progressão de 18 meses. A doente vai já nos 50 meses.

Noutra área, Martinha Garcia refere a Hepatite C. Desde 2015, o SESARAM, já tratou mais de 470 doentes com uma taxa de cura bastante elevada (até Setembro de 2019 apenas um doente tratado não tinha negativado). Os medicamentos para Hepatite C estão hoje no 5.º lugar do investimento na área do SESARAM, mas “em termos de resultados, o investimento naqueles doentes valeu a pena? Claro que sim! São doentes que não vão ter de ser sujeitos a transplantes, não estão internados, não faltam ao trabalho... Voltaram a ter qualidade de vida. E isso é muito bom”, sublinha.

Daí a importância de analisar os ‘outcomes’. “Pode haver casos de insucesso, como em tudo. Mas a verdade, é que muitos destes medicamentos têm resultados bons, trazendo qualidade de vida”. E acrescenta

que “o objectivo do SESARAM é o de tratar doentes, mantê-los com qualidade de vida, a trabalhar e a produzir, pessoas autónomas. Os investimentos em saúde têm retorno”. O retorno é exactamente esse: “o valor que se acrescenta à saúde e à vida de cada um”.

2% dos medicamentos representam 48% do orçamento

Martinha Garcia garante que o SESARAM trabalha para toda a população da Região, para todos os que precisam. “Temos de comprar medicamentos para todos os 256 mil habitantes e não podemos apostar apenas na inovação”. O que acontece é que a inovação requer um investimento mais elevado.

Para que se tenha uma ideia, apenas o oxigénio actualmente é utilizado de forma transversal em todo o SESARAM e foi mesmo o mais ‘caro’ em 2019: 1,35 milhões.

De resto, outros medicamentos muito usados no Serviço de Saúde têm valores muito mais baixos. Martinha Garcia exemplifica com o caso do Paracetamol, usado no internamento e nas Urgências. Em 2019, o SESARAM investiu nos comprimidos de 1 grama um total de 1.857 euros e na fórmula injectável 33.619 euros. No caso do Ácido Acetilsalicílico (que muitas pessoas conhecem como 'Aspegic'), o SESARAM gastou no ano passado 7.756 euros. Em Ipobrufeno (comprimidos de 400 e de 600 miligramas) o investimento total em 2019 rondou os 400 euros.

Os valores parecem irrisórios, mas ajudam a contrabalançar com outros medicamentos que têm valores elevados, mesmo que sejam utilizados por menos pessoas.

Por exemplo, há um tratamento que custa por ano, para apenas um utente, 436 mil euros. Outro que requer um investimento de 245 mil euros também para um utente. Martinha Garcia exemplifica ainda com mais casos: há sete doentes a fazer tratamento com Antitripsina alfa 1, num investimento global anual de 409 mil euros. "Ninguém tem noção disto".

E não se fica por aqui. Em 2019, o SESARAM investiu 958 mil euros em Eritromicina, um medicamento para o VIH, e no caso do Trastuzumab (cada ampola tem o valor de 1.441 euros), usado por doentes oncológicos, foram 1,31 milhões de euros no ano passado. A cloridrina é outro medicamento com um valor bastante elevado: 2.260 euros é o preço de cada comprimido, sendo que o tratamento recomendado é de 12 comprimidos por ano (seis num mês e seis logo no mês seguinte). "Em 2019 tínhamos 5 doentes aprovados pela CFT para este tratamento", refere a responsável.

"As terapêuticas são mais caras porque são dirigidas para núcleos de doentes cada vez mais pequenos", diz Martinha Garcia. E os números não enganam: "2% do total de medicamentos representam 48% do orçamento total" do SESARAM para esta área. O que significa que a Saúde investiu em 2019 cerca de 18 milhões de euros em apenas 2% do total de medicamentos que foram utilizados (internamento, urgência, hospital de dia ou tratamento em ambulatório) por todo o SESARAM.

Fazer um orçamento com estas 'contingências' não é fácil. O chamado plano de compras, que é a base do orçamento para esta área, é feito a meio do ano, tendo em conta os consumos anuais recentes e as perspectivas para o ano seguinte. Porém, nunca pode ficar totalmente 'fechado'. "Temos de ter um 'fundo' para novos doentes", refere. Até porque também há medicamentos novos a surgir todos os meses.

Pedidos avaliados pela Comissão de Farmácia e Terapêutica

No caso dos medicamentos inovadores, todos os pedidos passam pela CFT do SESARAM. "Quando é pedido um medicamento por parte de um médico para determinado utente, a CFT, que reúne semanalmente, delibera sobre o mesmo. Se o medicamento em causa estiver no formulário nacional, ou seja, já tem a avaliação económica feita, o tratamento é validado. Se houver em stock no SESARAM é fácil. Se não houver, o Conselho de Administração então autoriza a despesa e é iniciado um processo de aquisição que leva o seu tempo".

Quando o medicamento pedido

à CFT não está no formulário nacional, tem de ser feito uma 'requisição' especial ao Infarmed (as chamadas autorizações excepcionais ou AUE), através da plataforma nacional do Sistema Informático de Avaliação de Tecnologias da Saúde, não antes de ser também validado também pelo Conselho de Administração. No ano passado, explica Martinha Garcia, foram feitos 57 pedidos de AUE. Desses forma aprovados 41, recusados/indeferidos 7, rejeitados 5 e cancelados 2. No caso dos indeferidos, muitos, no período de tempo em que o pedido é feito, o medicamento acaba por ser validado para o formulário nacional, não sendo assim necessário pedido de autorização excepcional.

Martinha Garcia alerta ainda para ter em atenção que estes medicamentos e tratamentos inovadores apenas podem ser adquiridos ao nível hospitalar e mediante validação do médico assistente, além das CFT, administrações hospitalares e, em alguns casos (sobretudo quando estão em fase muito experimental) das agências como a EMA (europeia) ou a FDA (norte-americana). As campanhas para aquisição de medicamentos deste tipo, como aconteceu no ano passado com a bebé Matilde, podem ser muito interessantes em termos de solidariedade, mas de nada servem, porque a aquisição tem de ser feita pelo hospital/serviço de saúde, e não por um particular. Como aliás acabou por acontecer.

INOVAÇÃO POR AREAS TERAPÊUTICAS

	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL (2015-2019)	% INOVADORES
ONCOLOGIA	739.707 €	1.687.985 €	2.431.609 €	4.170.263 €	5.124.694 €	14.154.258,36 €	39%
HEPATITE C	443.425 €	2.019.389 €	2.059.368 €	1.650.539 €	1.175.550 €	7.348.271,29 €	20%
HIV	0 €	0 €	0 €	1.513.205 €	2.073.897 €	3.587.102,16 €	10%
AR / CROHN / HIDRADENITE / AUTOIMUNES / PSORRIASE /	888.715 €	985.173 €	1.049.166 €	1.497.008 €	1.167.692 €	5.587.754,26 €	15%
TOTAL ANO	2.073.862 €	4.694.563 €	5.542.160 €	8.833.034 €	9.543.852 €	30.677.386,07 €	84%

INVESTIMENTO DO SESARAM EM MEDICAMENTOS

	2015	2016	2017	2018	2019	TOTAL
CUSTOS TOTAIS MEDICAMENTOS	27.664.215 €	30.220.619 €	32.667.464 €	34.682.796 €	36.991.860 €	162.226.955,80 €
EVOLUÇÃO CUSTOS		9,2%	8,1%	6,2%	6,7%	
CUSTOS COM INOVADORES	2.356.029 €	5.142.568 €	6.647.308 €	10.444.762 €	11.868.231 €	36.458.898,69 €
% CUSTOS COM INOVAÇÃO	8,52%	17,02%	20,35%	30,12%	32,08%	22,47%

■ O INFARMED, I.P. (Infarmed) concluiu, até ao final de Outubro de 2019, a avaliação de financiamento pelo SNS a 384 processos de medicamentos. Destas avaliações, destaque-se a introdução no arsenal terapêutico português de 65 novos medicamentos. A maior parte dos medicamentos inovadores financiados são de uso hospitalar, com particular enfoque para o tratamento de doenças oncológicas, anti-infecciosos e doenças cardiovasculares. Comparativamente ao período homólogo, assinala-se um aumento significativo na conclusão de Novas Indicações Terapêuticas, para 104 em 2019. Foram ainda concluídos 179 processos de medicamentos genéricos e de 87 novas apresentações de moléculas já presentes no mercado. A entidade destaca ainda a evolução do número de processos de medicamentos biossimilares concluídos, 11 em 2019. “De salientar igualmente o esfor-

ço do Infarmed no sentido de assegurar o acesso atempado aos novos medicamentos. Os processos submetidos após 07/09/2017, data em que ocorreu uma alteração legislativa do SiNATS, incluindo nos prazos de avaliação, tiveram um prazo de conclusão médio de 241 dias. Os tempos de conclusão estão associados quer à exigência científica na avaliação farmacoterapêutica e farmacoeconómica, quer à necessidade de obter as melhores condições de financiamento para o SNS através de processos de negociação, por vezes complexos, mas necessários para assegurar a sustentabilidade do SNS. Salienta-se, contudo, que durante o período de avaliação dos medicamentos é possível aceder aos mesmos, nos casos legalmente previstos, através de autorizações excepcionais (AUE), tendo-se registado um tempo médio de decisão pelo Infarmed de oito dias úteis”, refere ainda a informação disponível no portal da entidade.